



TOMBOY: POTENCIALIDADE PARA PROBLEMATIZAR GÊNERO E SEXUALIDADE

Apolônia de J. Ferreira Silva¹
Gláucia Siqueira Marcondes²
Jeanne C. Vieira Taylor³

Resumo

O presente trabalho busca discutir e problematizar a produção discursiva dos sujeitos e a sua relação com as subjetividades, pensando os discursos que circunscrevem as relações de gênero e as sexualidades e que organizam o filme *Tomboy*⁴. Apresenta como aporte teórico a perspectiva Pós-estruturalista, os estudos Foucaultianos, assim como os estudos sobre a cultura visual. Nesse sentido consideramos importante refletir acerca dos processos de enquadramento e resistência, entendendo-os como possibilidades educativas de pensar o ser diferente.

Palavras-chave: Cinema. Educação. Gênero. Sexualidade.

Introdução

Os filmes vêm adentrando a vida de muitas pessoas no mundo contemporâneo, por isso, os consideramos como um artefato potente para pensar as questões de gênero e sexualidade. Neste trabalho pretendemos problematizar algumas imagens e discursos em relação a estas temáticas por meio do longa-metragem *Tomboy*. Como afirma Ruth Sabat (2002), esses “artefatos culturais se constituem como recursos pedagógicos de produção e transmissão de conhecimentos e saberes, e fazem parte de um amplo e eficiente currículo cultural” (p. 1). Esses artefatos estão imbricados por múltiplos discursos, os quais atuam na produção e educação dos sujeitos e das suas subjetividades, ou seja, por meio da linguagem, é possível conhecer, construir e se relacionar diretamente com a obra. Os modos ou processos de subjetivação construídos no decorrer da história são capazes de produzir práticas de si mesmo/a, as quais se encontram inseridas nos discursos, bem como na relação saber/poder.

Para nossas análises, utilizamos aproximações teóricas com a perspectiva Pós-estruturalista, os Estudos Foucaultianos, bem como os estudos sobre a cultura visual. Em se


¹ Doutoranda em Educação, UFJF, e-mail: apoloniasilva13@gmail.com.

² Mestranda em Educação, UFJF, e-mail: glauciamarianinho@hotmail.com.

³ Especialista em Dança, UFBA, e-mail: jeanne.vieira@outlook.com.

⁴ *Tomboy*, da diretora Céline Sciamma, é um longa-metragem, produzido no ano de 2012. Apresenta como atriz principal, Laure, uma criança de dez anos, biologicamente feminina, mas que parece se sentir, vestir e agir como pertencente ao gênero masculino.





tratando do Pós-estruturalismo, talvez seja esclarecedor ressaltar a importância atribuída as cenas existentes no filme, uma vez que segundo Dagmar Meyer e Rosângela Soares (2005); “se organizam por movimentos e deslocamentos, ao invés de priorizarem os pontos de chegada e , localizam suas lentes nos processos e nas práticas, sempre múltiplas e conflitantes que vão conformando os – e se conformando nos – próprios caminhos investigativos” (p. 42). Quanto as contribuições de Michel Foucault para pensarmos o campo educacional, é importante focar que, este é provido por disputas e relações de saber e poder. Os discursos por ele produzidos, no que diz respeito as questões de gênero e sexualidade, muitas vezes são naturalizados, necessitando da sua problematização. Nesse sentido, o filme pode ser um recurso didático-pedagógico potente para questionar os modos de ser/estar no mundo enquanto homens e mulheres. Para Anderson Ferrari e Roney Polato de Castro “toda imagem é didático-pedagógica na medida em que transmite uma mensagem, busca ensinar algo, investe num processo de educação mais amplo voltado para a construção de sujeitos” (p. 159).

Trabalharemos as categorias de gênero e sexualidade a partir do entendimento de que ambas são construções sociais, portanto em constante transformação e reformulação. Partindo do princípio de que gênero é uma construção, e não uma categoria natural propõe-se pensar os lugares de constituição de meninos e meninas através dos atravessamentos discursivos, históricos e sociais. Referente ao conceito de gênero, Guacira Lopes Louro (2000), entende que:


Gênero refere-se, portanto, ao modo como as chamadas ‘diferenças sexuais’ são representadas ou valorizadas; refere-se aquilo que se diz ou se pensa sobre tais diferenças, no âmbito de uma dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto (p. 26).

Vale ressaltar que nosso interesse é com os enunciados performativos e discursivos em relação aos modos de produzir identidades de gênero e sexuais na nossa sociedade, os quais afirmam e reafirmam as normas e os padrões em relação às identidades bem como suas respectivas sexualidades.

Problematização e Potencialidades de Tomboy

Tomboy, termo utilizado para designar garotas que se identificam com características culturalmente reconhecidas como masculinas, retrata a história de Laure, que reconhecida como menina ao nascer, se interessa fortemente em se vestir e interagir com os garotos. Ao se mudar com a família para uma nova cidade, Laure se apresenta para o grupo de crianças da vizinhança como Mickael, fazendo com que todos o/a identifiquem dessa maneira. Laure/Mickael joga bola, brinca, corre sem camisa, cospe no chão, atitudes tipicamente






masculinas que podem nos auxiliar na reflexão acerca dos estereótipos e da sexualidade. Diante disso, consideramos importante a problematização de quatro cenas como possibilidade de desconstrução de alguns estereótipos relacionados às questões de gênero.

A primeira cena de Tomboy se passa dentro de um carro em movimento. Uma criança observa a paisagem com a cabeça para fora do teto solar do carro do seu pai. A diretora do filme não anuncia se é uma menina ou um menino, no entanto, nós expectadores/as, vamos preenchendo esses significados, por meio dos conhecimentos que nos envolvem. Espaços de liberdade e intervenção são criados na relação do expectador com o filme. Dessa maneira, temos a oportunidade de problematizar o nosso olhar e pensar na nossa constituição enquanto sujeitos. Anderson Ferrari (2012) nos possibilita refletir ao fazer o seguinte questionamento: “o que nos provoca e nos possibilita pensar como nos tornamos isso que nós somos, como nos tornamos sujeitos de experiências e como elas nos constituem [...]” (p. 38). Os saberes que organizam o nosso entendimento de gênero, podem nos conduzir a pensar que se trata de um menino. A imagem de uma criança de cabelos curtos, usando trajes considerados típicos de garoto, sentada posteriormente no colo do pai para aprender a dirigir acaba por acionar representações, consideradas por nossa sociedade, como pertencentes, unicamente, ao universo masculino. Mickael/Laure parece buscar um reconhecimento por meio de características atribuídas ao gênero, com o qual se identifica.

Outra cena potente para problematizarmos os estereótipos de gênero acontece no momento em que a/o personagem é questionado/a pela sua mãe a respeito da cor do seu quarto, se referindo ao azul, uma situação que reitera atributos normalizados de gênero. O nosso olhar naturalizado ainda nos guia para enxergá-la/lo como um menino, porém isso é desconstruído no momento em que Mickael/Laure sai de dentro de uma banheira. O fato de identificarmos uma genitália feminina nos direciona a um novo enquadramento; agora passamos a caracterizá-la como uma menina.

Mais adiante, nas cenas em que Mickael/Laure se encontra fora do âmbito familiar, ocorrem várias situações possíveis para pensarmos a demarcação social de gênero. No momento em que ele/ela se vê convidado/a a ir nadar com outras crianças, além de cortar um maiô para transformá-lo em sunga, não satisfeito/a, também considera necessário adaptar, por meio de massa de modelar, um pênis, estabelecendo assim a forte presença do sexo biológico. Outro espaço de interação entre Mickael/Laure e as crianças do bairro acontece por meio do futebol. O esporte atribuído ao universo masculino impossibilita uma de suas amigas a praticá-lo, fato que não ocorre com o/a personagem central, uma vez que a sua imagem e o seu nome, permitem a sua inclusão ao grupo dos meninos.





Nas últimas cenas do filme, a mãe, inconformada com o não enquadramento da sua filha ao gênero socialmente reconhecido como feminino, decide de maneira autoritária, trajá-la com um vestido, como se quisesse dar uma satisfação à vizinhança acerca da “verdadeira” identidade da criança. Nesse caso, a peça do vestuário, é utilizada para caracterizar uma possibilidade única de ser mulher. Diante disso, tais marcadores sociais, podem demonstrar como o gênero é capaz de produzir verdades por meios desses discursos.

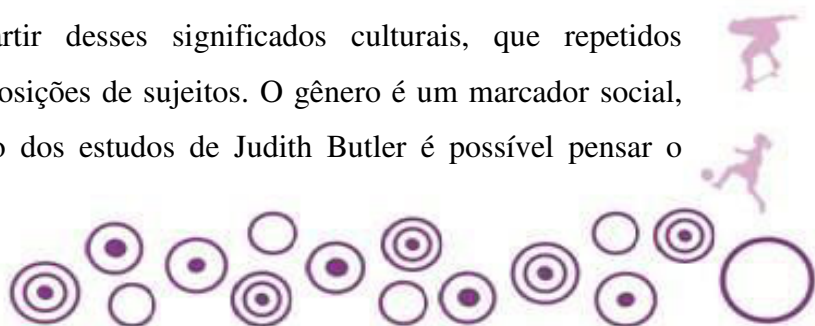
A partir de *Tomboy*, foi possível perceber como os discursos e as práticas são produtores de sujeitos e verdades. Para Michel Foucault (1993) a linguagem é um dos meios constitutivos de relações de poder, e cada sociedade legitima a sua verdade de uma determinada maneira. Segundo o filósofo:

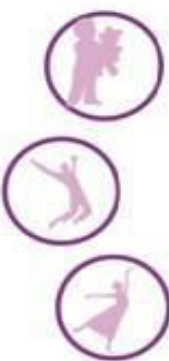
Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade. Isto é, os tipos de discursos que aceita e faz funcionar como verdadeiros, os tipos pelo qual cada um deles é sancionado, as técnicas e procedimentos valorizados na aquisição da verdade; o status daqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdadeiro (FOUCAULT, 1993. p.131).

Dessa maneira podemos pensar a verdade a partir da sua historicidade, uma vez que ela está situada em contextos sociais específicos. Para Foucault a verdade está em constante construção, ela estabelece o caminho para que o discurso possa ser reconhecido como válido, tenha lugar e possa ser dito. Já em relação ao poder, é significativo pensá-lo como o “poder que produz”, em que os seus resultados ocorrem por meio de práticas sociais estabelecidas historicamente. Outrora, ao considerar o poder na perspectiva do disciplinamento, talvez seja relevante pensar como as crianças presentes no filme são produtos de uma sociedade normativa, capaz de moldar e até mesmo de punir os corpos.

É possível perceber nas cenas de *Tomboy* o enquadramento dos/das personagens a partir dos discursos de verdade produzidos em relação às questões de gênero e sexualidade. Segundo Anderson Ferrari (2009), “enquadrar quer dizer por no quadro, da contorno, desenvolver tipos de práticas que diminuem a fluidez para ser diferente do que está estabelecido” (p. 122). Nesse sentido, o filme nos convida ao enquadramento do/da personagem Mickael/Laure. “[...] Sem perceber, vamos colocando em evidência a cultura e os significados culturais que vão nos organizando a partir daquilo que definimos como diferenças, que sabemos e marcam o que é ser menino do que é ser menina” (FERRARI, 2009, p. 122).

Vamos nos organizando a partir desses significados culturais, que repetidos cotidianamente, naturalizam as nossas posições de sujeitos. O gênero é um marcador social, que faz parte desse processo. Por meio dos estudos de Judith Butler é possível pensar o





gênero como performativo uma vez que os modos que se referem ao “ser homem” ou “ser mulher” são determinados pelos discursos, bem como pelas práticas. Nessa perspectiva, a autora ao trabalhar o gênero como uma categoria de análise, enfatiza a construção das sexualidades desfazendo a tríade (sexo, gênero, desejo) voltada para a naturalização do desejo sexual. O que quer dizer que a relação existente entre o gênero e o desejo, não é necessariamente definida a partir do sexo biológico, verificando assim, a construção das sexualidades. Para ela:

[...] as normas regulatórias do "sexo" trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual (BUTLER, 2001, p. 154).

A partir de Tomboy, é possível problematizar e desconstruir, nos filmes, os discursos considerados “normais” e “adequados” em relação à feminilidade e a masculinidade, as verdades instituídas e os processos performativos. Nas palavras de Foucault, a liberdade pode ser colocada em exercício tendo como possibilidade a mudança:


Meu papel – mas esse termo é muito pomposo, é o de mostrar as pessoas que elas são muito mais livres do que pensam ser; que elas têm por verdadeiros, por evidentes, alguns temas que foram fabricados num momento particular da história, e que essa suposta evidência pode ser criticada e destruída (FOUCAULT *apud* VEIGA-NETO, 2016, p. 22).

Através da criticidade e da reflexão, questões vistas como “naturais” e “normais” podem ser problematizadas. Se os discursos são fabricados e construídos, ao longo da história, eles podem ser desconstruídos para a promoção de novas possibilidades para se pensarem os sujeitos. Nesse sentido, os discursos promovem também resistências. Acreditamos que Tomboy, é um potente artefato cultural para se discutir os modos de produção dos sujeitos auxiliando na reflexão acerca da constituição das subjetividades.

Referências

- BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FERRARI, Anderson. Ma vie en Rose: Gênero e Sexualidades por enquadramento e resistências. In: **Educ. foco**, Juiz de Fora: v. 14, n. 1, p. 117-141, mar./ago. 2009.
- FERRARI, Anderson. “Poeticamente silenciosa”: cinema e a formação ética estética dos sujeitos. In: FERRARI, Anderson; POLATO, Roney. (Org.). **Política e Poética das imagens como processos educativos**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012.





FERRARI, A.; CASTRO, Roney Polato de. A la escuela, sin armários. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v.18, p. 141-170, 2013.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993. p. 131.

LOURO, G. L. **Currículo, gênero e sexualidade**. Lisboa: Porto, 2000.

MEYER, Dagmar E.; SOARES, Rosângela. Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós- estruturalista em educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: COSTA, Marisa V.; BUJES, Maria Isabel E. (Org.). **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 23-44.

SABAT, Ruth. **Filmes Infantis como máquinas de ensinar**. In: 25a Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED, 2002, Caxambu (MG). Grupo de Trabalho Educação e Comunicação, 2002. p. 1-18.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

